

TEXTO Jon Fosse DIREÇÃO Marcio Freitas REALIZAÇÃO Teatro Número Três
COM Carolina Godinho, Marina Hodecker, Milena Pessoa, Pamella Rodrigues e Ana Skaf

VIOLETA



Este projeto prevê a realização de VIOLETA, peça do autor norueguês Jon Fosse, um dos mais renomados dramaturgos da atualidade. O texto foi escrito em 2004, no âmbito do projeto Connections: new plays for young people (novas peças para a juventude), do National Theater de Londres. Esta é uma montagem inédita do Teatro Número Três, grupo carioca fundado em 2010, com direção artística de Marcio Freitas e direção de produção de Marina Hodecker.



OBJETIVOS

- (1) Apresentar uma peça direta e ao mesmo tempo profunda, que retrate a juventude para além do lugar comum, e que se comunique com essa juventude, sem, por isso, recorrer a fórmulas fáceis, comumente vistas na dramaturgia televisiva de massa.
- (2) Adentrar o universo dramaturgico de Jon Fosse, por uma de suas proposições dramáticas mais instigantes em sua simplicidade radical, na qual reaparecem temas da obra desse autor — a violência reprimida, a relação entre homens e mulheres, o isolamento, a solidão — como detalhes que cintilam em meio a uma narrativa estranhamente reconhecível.
- (3) Ampliar o perfil de público do grupo, dialogando também com espectadores jovens, neles fomentando o pensamento crítico, como uma iniciativa de formação de novas plateias.

SOBRE O AUTOR

Jon Fosse é escritor e dramaturgo. É considerado um dos maiores escritores da contemporaneidade, comparado a Henrik Ibsen tanto por sua origem norueguesa quanto pelo vasto reconhecimento de sua obra. Seus romances e peças teatrais já foram traduzidos para mais de 40 idiomas, produzindo mais de 500 diferentes encenações no mundo inteiro. Nascido em 1959, estreou na literatura em 1983, tendo publicado cerca de quinze livros antes de sua primeira peça teatral, escrita em 1994. Recebeu uma série de prêmios, entre eles o Prêmio Nynorsk de Literatura (1992 e 2003) e o Ibsen Award (2010). Foi encenado por grandes diretores europeus, como Claude Régy (Alguém vai vir, 1998), Thomas Ostermeier (A garota no sofá, 2002) e Patrice Chéreau (Sonho de Verão, 2011). No Brasil, sua primeira montagem foi em 2003 (O nome, dirigida por Denise Weinberg), e desde então foi encenado por Monique Gardenberg, Mário Bortolotto, Alexandre Tenório, Emílio de Mello, Marcos Damaceno, entre outros.



JUS TIFI CAT IVA

VIOLETA é uma peça sobre jovens: seus lugares de encontro, os amores desfeitos, a insegurança, a vontade de fugir, a necessidade de estar em grupo, a solidão intensa que não conseguem plenamente narrar. Algo que às vezes só a música parece dar voz.

Por meio de uma escrita teatral minimalista, característica de Jon Fosse, VIOLETA propõe um retrato de uma banda amadora que quer o sucesso, mas se vê envolvida com as inúmeras querelas do cotidiano.

Primeiramente, ressaltamos a importância de dialogar com o público jovem, e para isso propomos investigar a dramaturgia de um autor experiente, desenvolvida no âmbito do renomado programa Connections: new plays for young people, do National Theatre, que, desde 1995, anualmente encomenda peças e financia sua montagem por grupos de jovens, em diferentes cidades do território britânico.



Para esta montagem, o diretor Marcio Freitas propõe que as personagens, tanto as masculinas como as femininas, sejam representadas por atrizes. Essa escolha visa, sem dúvida, valorizar o elenco de atrizes com o qual vem desenvolvendo trabalho regular. Mas também cria uma camada performática que investiga a fluidez entre o masculino e o feminino, reconfigurando percepções comuns sobre o que seria "de menino" ou "de menina", levando o espectador a refletir sobre as diferenças e as tipificações de gênero.

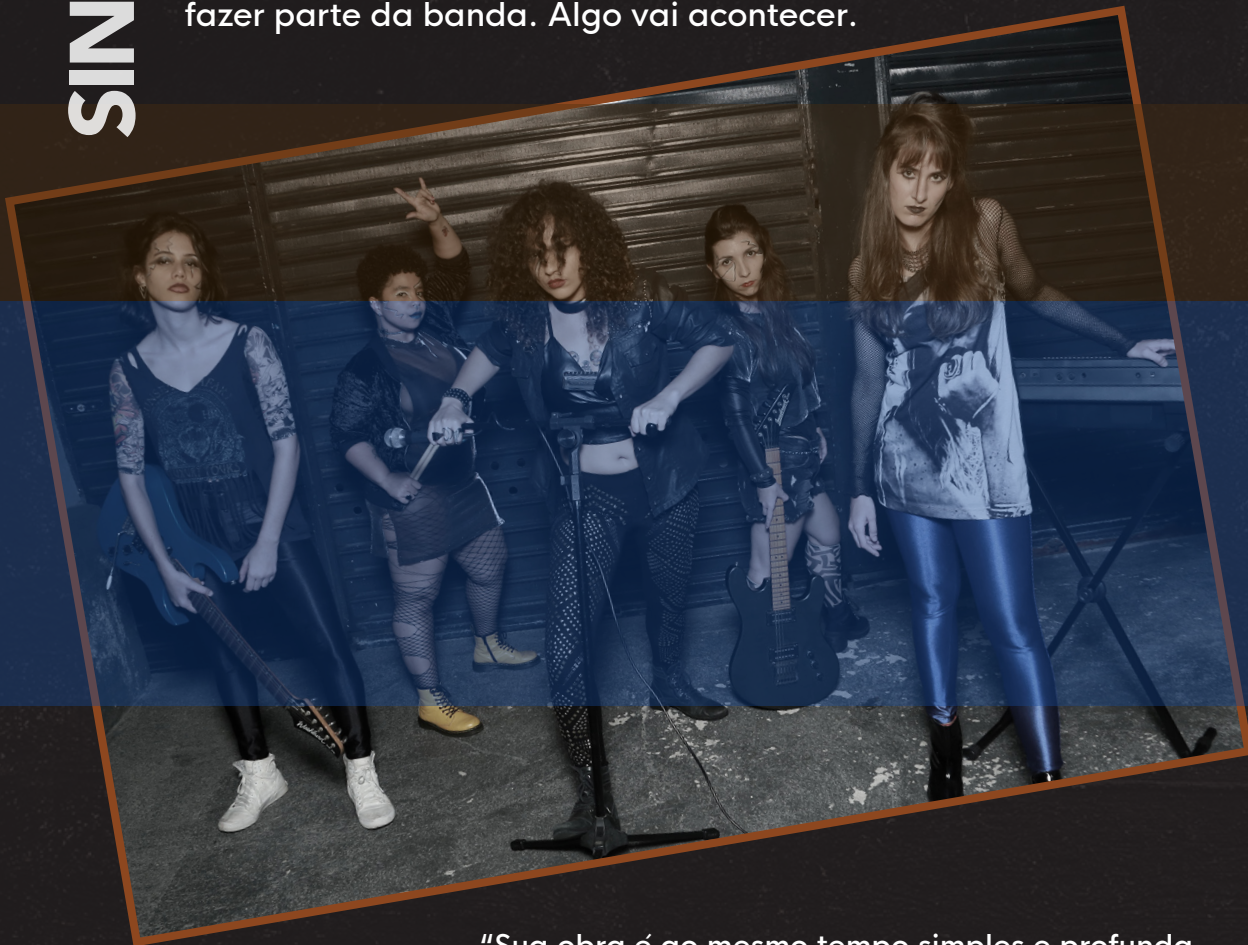
Acreditamos também que essa escolha faz aparecer com mais clareza a violência e a opressão presentes na peça, especificamente nas relações de poder entre as três personagens centrais (guitarrista, moça e baterista). Sem dar respostas, nem se utilizar de didatismo, a estranheza da transposição de gêneros põe uma lupa na masculinidade tóxica dos ritos de juventude, chamando atenção para o bullying e para o assédio sem citar seus nomes, por meio de estratégias de representação realista.

Sobre sua obra, Fosse afirma: "minha escrita é de um tipo de realismo extremo. Se eu escrevo bem, com um ritmo bem produzido, ela é realista no sentido de que transforma o realismo em outra coisa. Algo atrás do realismo aparece".

Jon Fosse foi chamado pelo jornal Le Monde de "o Beckett do século 21". As comparações com Samuel Beckett e Harold Pinter são recorrentes, especialmente devido à sua escrita, simples e incrivelmente enigmática, recheada de retornos, repetições, como partituras musicais ("Eu escrevo como quem faz música"). Às vezes, parecem beirar a falta de sentido, mas é sempre possível enxergar a humanidade em seus retratos, as relações afetivas, a solidão, e muitos outros sentidos que vazam da superfície.

SINOPSE

No porão de uma fábrica abandonada, um grupo de jovens se encontra para um ensaio de sua banda musical. A guitarrista leva uma garota para o ensaio, mas é a antiga namorada da baterista! Com quem ela está agora? Uma tensão se instaura. O ensaio precisa começar. A guitarrista revela então que não quer mais fazer parte da banda. Algo vai acontecer.



"Sua obra é ao mesmo tempo simples e profunda. Fosse tem uma inquietação, coloca tensão na narrativa e escreve sobre situações com as quais todos são capazes de se envolver, não importa de que parte do mundo sejam." (Bergens Tidende)

"Fosse faz incisões cirúrgicas para recortar os acontecimentos mais prosaicos e mundanos, retirando deles fragmentos de vida, colocando-os sob o microscópio e examinando-os minuciosamente [...]. Às vezes tão desolador e sombrio que teria assustado até a Kafka." (Aftenposten)

SOBRE O TEATRO NÚMERO TRÊS

O Teatro Número Três é um grupo sediado no Rio de Janeiro que, desde 2010, investiga cenicamente formas de reprocessar o cotidiano, produzindo imagens ao mesmo tempo estranhas e familiares, que instigam o espectador em jogos de formação de sentidos. O grupo tem realizado espetáculos autorais, que lidam com a performatização de documentos autênticos no teatro. Em 2011, estreou SEM FALSIDADES, no Espaço Cultural Sérgio Porto, no qual as atrizes falavam depoimentos reais, coletados em entrevistas; em 2014, PEQUENAS BIOGRAFIAS, no Teatro Maria Clara Machado e na Sede das Cias, uma peça na qual se utilizavam de filmagem ao vivo para ressignificar registros do processo de construção da própria peça; em 2018, estreou VIAGEM A NOVA YORK, no Espaço Cultural Sérgio Porto, na qual se reconstituía ficcionalmente a vida de um desaparecido a partir dos documentos reais do autor da peça. Em 2019, o grupo publicou uma edição de artigos sobre o último espetáculo, e continuou sua pesquisa, a partir de workshops com textos dramáticos de autores internacionais. Em 2020, será realizada a montagem de VIOLETA, de Jon Fosse.

A pesquisa com a musicalidade da fala é um dos fundamentos da trajetória do diretor Marcio Freitas e do seu trabalho com o Teatro Número Três. Os espetáculos anteriores do grupo foram criados no processo de ensaios, com texto final assinado por Marcio. Sempre chamaram a atenção do público, como marca desse grupo, as formas inusitadas e originais de se oralizar a fala cotidiana. Investigar as nuances da fala de Jon Fosse é um caminho natural para seu percurso: a métrica inusual e rigorosa de Fosse é uma potente fonte de tensão cênica, com seus vazios e seus ecos.

FICHA TÉCNICA

TEXTO Jon Fosse

DIREÇÃO Marcio Freitas

ELENCO Ana Skaf, Carolina Godinho,
Marina Hodecker, Milena Pessoa
e Pamella Rodrigues

CENOGRAFIA Júlia Decacche

FIGURINOS Arlete Rua

ILUMINAÇÃO Adriana Milhomem

TRILHA SONORA Thiago Assis

FOTOS Clayton Leite

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Marina Hodecker

REALIZAÇÃO Teatro Número Três

CURRÍCULOS

Ana Skaf é atriz, formada pela Academia Internacional do Cinema, onde também trabalhou com Pedro Freire como assistente direção de atores, e graduada em publicidade pela PUC-RIO. Iniciou seus estudos teatrais em 2007 em Niterói. Desde então, atuou no teatro em montagens tais como *Romeu e Julieta à mostra*, *Tebas*, e, no cinema, nos curtas *A casa vazia*, apresentado em diversos festivais nacionais, *As atrizes* e *Por que você está sozinho esta noite?* Com o Teatro Número Três, atuou em *Viagem a Nova York*.

Carolina Godinho é atriz, formada pela UNIRIO, DJ e dubladora. Integra a companhia *Os Inclusos e os Sisos* – Teatro de Mobilização pela diversidade, como diretora, atriz e assistente de produção. Trabalhou com os diretores Moacir Chaves, Paulo Reis, Gilson de Barros, Diego Molina e Marcos Nauer. Atuou em *Sem falsidades* e *Pequenas biografias*, do Teatro Número Três.

Pamella Rodrigues é atriz e dubladora, formada em Radialismo pela FACHA. Sua formação em teatro passou por Andrea Avancine, Ivan Martins, Eduardo Vaccari, Luiza Autran e Carlos Leça. Dentre seus principais trabalhos estão: *Ribanceira*, série com direção de Melise Maia (Canal Brasil, 2016); *Alma gêmea* (novela da TV Globo, 2006); e *Escola digital* (programa infanto-juvenil do canal Futura, 2004). Dubladora há 15 anos, já deu voz a inúmeros personagens. Dentre os mais conhecidos estão: *Princesa Jujuba* (*Hora de Aventura*) e *Agnes* (*Meu Malvado Favorito*). É atriz de *Viagem a Nova York*, do Teatro Número Três.

Marina Hodecker é atriz e produtora do grupo, desde 2010. Bacharel em interpretação pela UNIRIO e Pós-graduada em Produção Cultural pela Universidade Cândido Mendes. Sua trajetória passa pelo seminário *Matrizes performáticas, teatro y nuevas tecnologias*, do IUNA, em Buenos Aires. Como atriz, trabalhou com os diretores Cico Caseira, João Falcão, Simone Kalil, e outros. Como produtora, além do Teatro Número Três, trabalhou em parceria com a empresa Roda Produtiva. Atualmente integra o elenco e a equipe de produção do infantil *Ana Fumaça Maria Memória*, de Marcela Andrade, tendo coordenado, em 2019, a sua circulação por diferentes unidades do Sesc Rio.

Milena Pessoa é atriz, formada pela Casa das Artes de Laranjeiras. Participou de workshops para teatro e TV com Celina Sodré, Fátima Toledo, Marina Rigueira, entre outros. Atuou em espetáculos de João Batista, Eduardo Vaccari, Marcos Covask e da Confraria Arca teatral. Em 2019, participou do workshop *Práticas de investigação cênica e atorial* do Teatro Número Três.

Marcio Freitas é diretor artístico do grupo. Formou-se ator pela CAL em 2005, obteve o Mestrado em Artes Cênicas na UNIRIO em 2012, pesquisando vocalidades no teatro contemporâneo, e concluiu o Doutorado também na UNIRIO em 2017, investigando o teatro documental e autobiográfico. Trabalhou com os diretores Moacir Chaves, João Fonseca, Morena Cattoni, Diego Molina e Carlos Cardoso, entre outros. Atualmente é pesquisador de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO. Foi autor e diretor dos espetáculos *Sem falsidades*, *Pequenas biografias* e *Viagem a Nova York*, do Teatro Número Três. www.marciofreitas.art.br

